

# Regras específicas para o turismo rural não são exigidas de forma significativa noutras tipologias”, lamenta Gilberto Vieira

*Gilberto Vieira, Presidente das Casas Açorianas – Associação de Turismo em Espaço Rural diz que “há espaço para a convivência de todas as tipologias de alojamento”. Contudo, também recorda que “não é justo que sejam impostas regras estreitas apenas ao turismo rural, que coartam alguma competitividade”. Gilberto Vieira que marcou presença no Congresso da Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo, que decorreu em Ponta Delgada, reporta “o peso para o turismo nos Açores da presença de centenas de profissionais da área entre nós”, concluindo que “sendo certo que o percurso dos Açores na actividade turística é relativamente recente, entendo que os erros graves cometidos noutros destinos devem merecer já a nossa melhor atenção, no sentido de os evitar enquanto é tempo”.*

No congresso da APAVT - Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo, foi usada, como mote de discussão nos trabalhos, uma afirmação extraída de uma entrevista sua. No painel “Desafios de Crescimento: o Caso Açoriano” foi abordada a questão do impacto do fenómeno do alojamento local. Uma das questões lançadas a debate sobre este assunto era saber se o alojamento local prejudicou muito o espaço rural, estando patente no ecrã do congresso uma resposta sua extraída dessa entrevista: “É óbvio que prejudicou. Empiricamente é fácil deduzir que muitos dos clientes do alojamento local estariam nas unidades do turismo rural e de natureza”. Quer aprofundar esta ideia?

“Reitero o que disse no contexto da referida entrevista. Posso é precisar que esse impacto não se deveu simplesmente ao súbito aparecimento de novas tipologias, nomeadamente a do caso em apreço – o alojamento local.

Tal como assumi na referida entrevista, entendendo que qualquer oferta nesta área se deve afirmar pela qualidade e diferenciação, veículos principais de conquista de mercados específicos e variados. No caso do turismo rural e de natureza, há um trabalho que vem sendo feito há muito tempo com honestidade e gosto, nomeadamente através dos associados das Casas Açorianas, precisamente para consolidar um produto singular, e esse trabalho está a dar frutos, apesar das novas realidades que enformam a actividade turística nos Açores. Ou seja, admitindo, como é óbvio, que parte dos clientes do alojamento local poderiam estar no turismo rural, a verdade é que este último segmento continua, mesmo assim, a registar crescimento.

Como já disse repetidamente em público, há espaço para a convivência de todas as tipologias de alojamento, sendo fácil de admitir que cada

uma delas tem os seus argumentos para vingar no mercado. O que não é justo é que sejam impostas regras estreitas apenas ao turismo rural, que coartam alguma competitividade.

Não querendo centrar a discussão no binómio turismo rural - alojamento local (sem falar sequer do clandestino, que continua a existir com algum peso), a verdade é que conta com legislação muito menos apertada do que aquela a que estão sujeitas as unidades de turismo rural e de natureza.

Exemplos são o processo de licenciamento, muito mais facilitado no caso do alojamento local, com isenção de pareceres de várias entidades, o que não acontece no que respeita ao turismo rural. Os padrões arquitectónicos, que têm regras específicas para o turismo rural, não são exigidos de forma significativa noutras tipologias.

Outros exemplos: nos serviços as exigências também são diferentes desde logo ser obrigatório apresentar o pequeno-almoço incluído no preço do alojamento, isto no que diz respeito ao turismo rural, o que impede outras formas de comercialização que poderiam ser mais apelativas para o cliente e mais rentáveis para as unidades, se o pequeno-almoço fosse cobrado à parte, caso o cliente solicitasse esse serviço. Também o apoio personalizado aos clientes é uma característica de charme mas que também tem custos.

Além disso, os custos de manutenção de uma e outras tipologias não são comparáveis, pela necessidade de se manter, no caso do turismo rural, a autenticidade que se apresenta aos clientes, o que implica despesas acrescidas, desde os materiais, à mão-de-obra, sendo necessário recorrer a mestres com saberes ancestrais que cada vez são mais raros”.

**Que comentário lhe merece a afirmação do representante da APVT nos Açores, quando diz que “a pressão do turismo nos Açores já é**



**superior à média nacional”?**

“Conheço a afirmação, mas não tenho dados que a sustentem. Lembro, no entanto, no congresso da APAVT, a senhora Secretária Regional da tutela afirmou que isso não corresponde à verdade, sublinhando que o turismo nos Açores ainda tem uma grande margem de crescimento para atingir esse patamar.

Seria interessante ter acesso a números que revelem a correlação real entre estes dois parâmetros, como bitola que ajude num vector essencial para o turismo dos Açores – a sustentabilidade”.

**“Parcerias, marketing digital e respeito”, são três regras fundamentais para se ter sucesso, ou existem outras?**

“Acho que esse é um tridente essencial nesta e noutras actividades. Poderia acrescentar criatividade, inovação e, sobretudo, uma preocupação constante, no caso dos Açores, a em não deturpar aquilo que nos diferencia”.

**Que rescaldo lhe merece o Congresso da Associação de Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo que se realizou há poucos dias em Ponta Delgada?**

“Desde logo, independentemente dos temas interessantes e importantes que foram ali deba-

tidos, registo o peso para o turismo nos Açores da presença de centenas de profissionais da área entre nós. É uma forma de contacto directo com uma realidade que já conhecem à distância, mas que ganha nova importância e potencia e personaliza contactos mais próximos.

Quanto aos temas em debate foi muito útil perceber das diversas discussões que o crescimento do turismo a nível nacional coloca desafios com que, à nossa escala, poderemos vir a ser confrontados, nomeadamente nos constrangimentos vários que o súbito crescimento implica. Isto é, quando um “boom” surge, o parque de estruturas e serviços tem dificuldade em dar resposta adequada, surgem então investimentos desregrados e sobredimensionados, na ânsia de aproveitar o momento e, depois, esbarra-se com incapacidades de resposta em infraestruturas cruciais, como o exemplo que foi apresentado da saturação do aeroporto de Lisboa. Isto por um lado e, por outro, a degradação da oferta que acaba por ser altamente pernicioso para a imagem do destino.

Sendo certo que o percurso dos Açores na actividade turística é relativamente recente, entendendo que os erros graves cometidos noutros destinos devem merecer já a nossa melhor atenção, no sentido de os evitar enquanto é tempo”.

